



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Análises discursivas das relações raciais na cidade de Pelotas/RS - um olhar sensibilizado para o cuidado em saúde
Autor	LIZIANE GUEDES DA SILVA
Orientador	HENRIQUE CAETANO NARDI

Análises discursivas das relações raciais na cidade de Pelotas/RS – um olhar sensibilizado para o cuidado em saúde

Liziane Guedes da Silva – Henrique Nardi – UFRGS

A pesquisa “racismo, relações de saber-poder e sofrimento psíquico”, com o apoio do CNPq entre 2015-2016, do Núcleo de Pesquisas em Sexualidade do Instituto de Psicologia/UFRGS, pretende analisar quanti-qualitativamente a percepção do racismo e os efeitos na saúde mental da população que utiliza o SUS, entre usuários/as e profissionais, e sua articulação com a interseccionalidade de gênero, em Porto Alegre e Pelotas. Este trabalho, por sua vez, pretende: a) analisar as práticas discursivas e de produção de subjetividade sobre as relações raciais na cidade de Pelotas/RS, através da teoria foucaultiana e de estudiosos/as das relações raciais, como Neusa Santos Souza, Carlos Moore e Wade Nobles, enfatizando a importância de um olhar sensibilizado dos/as profissionais de saúde, sobre as questões raciais; b) valorizar a presença negro-africana na construção da cidade de Pelotas, resgatando as contribuições históricas dos/as africanos/as escravizados/as, que são invisibilizadas geralmente. A escolha dessas cidades ocorreu pela alta concentração de população negra (são os maiores índices do estado do RS), pela histórica presença africana na cidade de Pelotas e para abarcar duas especificidades de cidade, sendo que uma é a capital e a outra está no interior. Esta perspectiva se sustenta na análise de bibliografia pertinente ao tema, mas também na vivência possibilitada na cidade de Pelotas. Ao longo de dois dias foi possível realizar duas saídas etnográficas a territórios negros de Pelotas: a Charqueadas São João e o Quilombo do Algodão. A Charqueadas São João, no Bairro Areal, não é apresentada como um espaço negro aos/às visitantes. Atualmente esse espaço preserva a história do local através do turismo – pode-se conhecer o interior do casarão, a fachada da senzala, o tronco onde para castigo dos/as escravizados/as e passear de barco pelo Arroio Pelotas – e do aluguel do local para festas. A presença negra durante a visita guiada ao casarão é pouco citada, e quando ocorre é de forma a naturalizar a desumanidade vivenciada pelos/as africanos/as por 300 anos de violências. É de abismar o uso incomum da Charquedada São João para festas acessíveis somente à elite da cidade. Houve então uma completa desvinculação da história presente do local com sua história escravista, pois para o/a africano/a, no período colonial, ser enviado/a para uma charqueada tratava-se de uma punição, pelo tratamento desumano, pelo trabalho deteriorante e pelo clima extremamente frio. Espanta que, ainda hoje, as famílias que tiveram seus sustentos baseados no trabalho escravo, continuem lucrando sobre a invisibilização dessas histórias. Quando se compara essa prática ao que fazem os alemães atualmente em relação à memória do Holocausto Judeu, pode-se perceber a negação e a insensibilidade do povo brasileiro em relação à memória da escravidão negro-africana. Em nossa ida ao Quilombo do Algodão, a 60 km do centro de Pelotas, tínhamos a intenção de realizar a entrevista quantitativa da pesquisa, porém as situações de racismo vividas por aqueles/as sujeitos destoavam gritantemente das relações experienciadas no centro da cidade de Pelotas e, ainda mais, na capital Porto Alegre. A comunidade quilombola é marcada como negra por aqueles/as externos/as a ela. Mas esse signo não é assumido pelos/as quilombolas/as, pois o termo “negro”, atribuído historicamente aos/às africanos/as pelo/a colonizador/a, ainda é utilizado como xingamento pela vizinhança de origem alemã (pomerana). Por fim, entendemos que não seria indicado realizar a coleta quantitativa, mas sim uma análise discursiva que permitisse captar a riqueza da vivência nas Charqueadas e das trajetórias da população do Quilombo do Algodão, histórias potentes para sensibilizar a escuta dos/as profissionais da área da saúde para as especificidades das vidas daqueles/as que se propõe a cuidar.